

O homem por trás da cortina: uma análise do papel da imprensa nos filmes “Cidadão Kane”, “O Quarto Poder” e “O Show de Truman”

Victor Castelo Branco – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)

Resumo

O papel da imprensa como fiscalizador, tanto do poder público como da sociedade, é comumente explorado em filmes. Usar um MCM para essa discussão dá margem a uma interpretação mais apurada desse papel, uma vez que há o explicitamento dessa função nos filmes. Foi elaborado um estudo de caso dos três filmes citados acima. Após a análise de cada um deles, segundo os estudos de comunicação vigentes e teses de autores da área, e de seus elementos, como a influência dos MCMs na sociedade, agenda-setting e reality shows, estabeleceu-se uma breve tentativa de diminuir o fator de influência desses meios na sociedade, embora esse não seja o seu objetivo primário.

Palavras-chave: Comunicação – Teorias – Cinema

1. Introdução

Faz parte do senso comum conceituar os Meios de Comunicação de Massa (MCMs) em uma espécie de 4º poder. Ter nesses meios a idéia de um poder fiscalizador tanto da sociedade como do poder público é uma idéia presente e fortalecida de uma forma cotidiana.

É costumeiro ver em filmes que possuem personagens jornalistas um fortalecimento da sua função social, muitas expondo escândalos, fraudes e mal feitores públicos. Ao fazer a denúncia e lutar pela justiça negada à sociedade, tais personagens são aclamados como heróis populares.

No entanto, o papel heróico nem sempre cabe aos personagens jornalistas. Alguns personagens, movidos por interesses próprios travestidos

de função social, acabam sendo entendidos como vilão a ser combatido. Alguns personagens que usam dos MCMs na defesa de interesses próprios são marcantes na memória popular. O personagem de Orson Welles em “*Cidadão Kane*” (1941) é sempre lembrado como tal.

Outros personagens têm uma trajetória similar, embora não possuam igual importância. Figuram nessa lista os personagens Max Brackett (Dustin Hoffman) em “*O Quarto Poder*” (1997) e Christof (Ed Harris) em “*The Truman Show*” (1998). Outros personagens podem ser popularmente lembrados pelo mesmo motivo, embora sem a mesma importância. O presente trabalho, entretanto, fixará a sua atenção principal nesses três personagens.

Este artigo analisará cada filme dentro da sua singularidade e da sua contribuição para a explanação do papel dos MCMs dentro da sociedade de que fez parte. Apesar da atualidade de “*Cidadão Kane*”, e dos inúmeros estudos que essa película inspirou, deve-se ter em mente a época em que foi filmado e qual o seu momento social e histórico. Dessa forma, podem-se entender melhor seus efeitos sociais.

2. Cidadão Kane

A película “*Cidadão Kane*” foi lançada em 1941 e, no correr do século, foi aclamado como um dos melhores filmes do Séc. XX. O filme conta a história do magnata das comunicações Charles Foster Kane, contando desde a sua pobre infância até a sua morte em sua mansão inacabada. A morte de um personagem tão socialmente controverso leva um jornalista da época a refazer o trajeto da vida do magnata em busca de uma resposta para a sua última palavra em vida, entrevistando as pessoas próximas a ele.

O primeiro fato marcante é quando Kane assume o *New York Inquirer*. Ao chegar à redação, o personagem dá vazão a uma série de

mudanças editoriais e estruturais. Após assumir a redação com uma carta de princípios prometendo zelar pelo interesse público, Charles Kane, que afirma achar divertido ter um jornal, sempre busca formas de aumentar a sua circulação.

Um dos momentos marcantes do filme é quando o gerente de jornalismo do New York Inquirer afirma que a Guerra Hispano-Americana (1898) foi fomentada pelo magnata. O personagem de Charles Kane é flagrado pela câmera afirmando que providenciaria uma guerra no arquipélago caribenho a ser noticiada pelo seu correspondente em Cuba.

Outro momento que chama atenção é quando o personagem mostra-se como determinante do pensamento popular ao afirmar que as pessoas irão pensar nos assuntos em que ele mandar as pessoas pensarem. Em outro momento, ele chama atenção a outro personagem para que não acredite em tudo que escuta no rádio.

Por fim, pode-se destacar a ampla cobertura da turnê lírica da 2ª esposa do personagem. Apesar das críticas negativas dos demais jornais da época e do seu próprio crítico de artes, a turnê lírica é noticiada nos jornais de Kane com manchetes efusivas e elogiosas. O personagem faz tudo que julgar necessário para transformar a esposa em uma das grandes cantoras do mundo lírico mundial.

O filme é de 1941. O mundo encontrava-se no meio da II Guerra Mundial, cuja razão maior era o combate aos regimes totalitários na Europa e na Ásia. Dentro dos estudos de comunicação, começavam-se as análises sobre os MCMs e seus efeitos na sociedade de massa. A principal teoria desse período é a transição entre a teoria hipodérmica e a teoria empírico-experimental.

A principal premissa da teoria hipodérmica, segundo Wolf (2002), é que “cada elemento do público é pessoal e diretamente atingido pela mensagem”. A sociedade de massa é conceituada pelo autor como uma conseqüência da industrialização progressiva e da difusão de valores como igualdade e liberdade, ainda que sejam conceitos abstratos. Esse processo de modernização conduz ao seu isolamento e alienação.

Essa alienação direciona essa sociedade a um pensamento único ao buscar a execução daquilo que ela julga ser de seu interesse. Segundo Wolf, a massa não possui tradições, regras de comportamento ou estrutura organizativa. Esse isolamento físico e social é o que permite as capacidades manipuladoras dos primeiros meios de comunicação. São os MCMs que fornecem conhecimentos e imagens capazes de transpor os limites da experiência pessoal. Para Wolf, os MCMs são uma espécie de sistema nervoso numa sociedade sem relações sociais e com organização social amorfa.

Foi em uma sociedade assim que Charles Kane pôde defender seus interesses dentro do que ele julgava defesa do interesse público. A produção de sentido, feita através das notícias publicadas nos jornais da rede Inquirer, era capaz de gerar um estímulo na sociedade e, em alguns casos, uma resposta. Vê-se esse processo na fomentação da Guerra Hispano-Americana. Fatores como a credibilidade do comunicador e a forma da argumentação acabaram por influenciar a decisão norte-americana de lutar essa guerra. Essa abordagem é típica da teoria empírico-experimental, que superou a teoria hipodérmica.

Devem-se entender, com a evolução da trama, as diferenças entre as condições de produção e recepção exploradas por Charaudeau (2006). O autor argumenta que os efeitos pretendidos pelos MCMs nem sempre são bem sucedidos, uma vez que o público nem sempre é capaz de acompanhar

as condições de produção. A suposta influência desses meios sobre a sociedade seria falha.

Essa discussão só demonstra a evolução que marcou os estudos sobre as teorias da comunicação. Não dispendo de um público uniforme e capaz de sucumbir aos efeitos pretendidos, os meios de comunicação precisaram desenvolver novos meios de atrair e manter o público atento ao seu discurso, independente da sua natureza.

3. O Quarto Poder

O filme “O Quarto Poder” (1997) conta a história de um repórter que, após ser mandado para uma filial de importância inferior, ao cobrir uma matéria sobre o corte de gastos em um museu, acaba se envolvendo em um seqüestro protagonizado por um ex-funcionário da instituição. A película mostra como o experiente repórter procura manobrar a opinião pública, buscando uma forma de ajudar o ex-funcionário a conseguir os seus objetivos.

Há três momentos que chamam atenção do telespectador. O primeiro acontece quando o repórter Max Brackett (Dustin Hoffman) entrevista Sam Baily (John Travolta), o ex-funcionário do museu, pela primeira vez. O segundo é quando ocorre a brusca mudança na opinião pública e a cobertura que está sendo feita do caso pelas Tvs locais e nacionais acompanha essa mudança. Por fim, destaca-se o final e a avaliação dramática do personagem ao final do caso.

Na primeira entrevista de Max Brackett, a opinião pública está totalmente contra o ex-funcionário. Através de entrevistas com amigos e parentes do Sam Baily, incluindo um colega de trabalho que foi acidentalmente atingido, o jornalista consegue deixá-la a seu favor. Além da manipulação segundo a sua própria agenda, Max Brackett também

consegue ser novamente notado a nível nacional após o incidente que o afastou.

A situação muda de figura com o progresso dos acontecimentos. A falta de objetivo do ex-funcionário e o excesso de duração do acontecimento acabam por dar margem à sua transformação em um espetáculo midiático. A emissora nacional manda para a cidade o seu principal âncora para cobrir a história. Este acaba mudando a cobertura original e marca a mudança da opinião pública quanto ao caso. A pesquisa de opinião nacional sobre o caso baixa de 59% de aprovação para apenas 32%.

O que se vê em seguida é o massacre midiático tanto do ex-funcionário como do repórter que o cobria. O âncora, que já trabalhou com Max Brackett, é o principal protagonista desse ataque. A drástica mudança na opinião pública e na cobertura da imprensa leva a história a um final trágico. O repórter, em um surto de autocrítica, repete a todos os microfones que lhe foram apontados que o papel da imprensa na cobertura foi determinante nesse trágico fim de história, com o suicídio do ex-funcionário do museu.

Um autor que trabalha com a questão da influencia dos meios sobre a opinião pública é Charaudeau. Ele divide a opinião pública em dois tipos de telespectadores: os intelectivos e os afetivos. Enquanto os primeiros são capazes de avaliar seu interesse com relação a aquilo que lhe é proposto, os segundos não avaliam nada de maneira racional. Primeiramente, Max Brackett convence e traz a seu favor os telespectadores afetivos. Com a evolução da trama e a nacionalização do acontecimento no museu, os telespectadores intelectivos foram chamados a dar a sua opinião e influíram na baixa do índice de aprovação de Sam Baily.

Um aspecto que Wolf chama de mudança dos paradigmas de comunicação. Os MCMs deixariam de querer intervir no comportamento

explícito para influenciar o modo como o destinatário organiza sua imagem do mundo ao seu redor. Por esse motivo é que o jornalista segue tentando influenciar o público de que o ex-funcionário é uma boa pessoa que está passando por um momento difícil.

Segundo Wolf:

“A influência dos mass media é admitida sem discussão, na medida em que ajudam a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas”.

O autor argumenta que os MCMs possuem uma grande capacidade de criar e manter a relevância de um determinado tema. Essa capacidade é consequência da repetição contínua da produção desses meios. Essa hipótese acaba fortalecendo a defesa do agenda-setting dos MCMs no filme em questão. A emissora de Max Brackett certamente fornece ao leitor uma categoria onde colocar a notícia aos seus telespectadores: a ordem do dia. A TV, segundo o autor, com sua cobertura cotidiana, possui um efeito de agenda particular e específico.

Essa tese é contestada, em parte, pelo raciocínio de Charaudeau. Esse autor defende que as mídias não são fonte de poder uma vez que não são capazes de promulgar normas de comportamento. Na sua visão, os MCMs não refletem a realidade social. Há, entretanto, por trás do discurso midiático há um espaço social marcado pelo discurso daquele meio, resultando em um simulacro de democracia.

Esse modelo, entretanto, encontra limitações. No caso em questão, pode-se apontar a tematização. Durante o filme, a ação promovida pelo ex-

funcionário sobrepõe os temas locais, como o caso da fraude bancária local, e torna-se um acontecimento nacional.

Tudo acontece segundo as fases do agenda-setting estabelecidas por Wolf: os MCMs dão o relevo a um acontecimento que eles passam para o primeiro plano. A seguir, o fato é interpretado à luz do problema que ele simboliza. No caso apresentado, o desemprego e a impossibilidade do ex-funcionário em sustentar sua família. O passo seguinte é o estabelecimento da ligação entre o acontecimento e o panorama social. A aprovação, no primeiro momento, pelo público, estabelece o vínculo entre Sam Baily e o público. Por fim, pode-se citar a constituição de Max Brackett como porta-voz da causa e, no final, da responsabilidade dos MCMs que cobriram o caso.

Por fim, cita-se o final dramático do caso. O jornalista, movido por uma agenda intrapessoal e pela tentativa de influencia na opinião pública, procura mostrar que os MCMs possuem responsabilidade sobre o desfecho do caso. A forma como o caso foi noticiado na mídia foi determinantes no seu desfecho trágico, abrindo espaço para uma séria discussão sobre a responsabilidade dos MCMs e das formas como as coberturas de certos fatos são feitas na sociedade.

4. O Show de Truman

O último filme da análise é um *reality show* sobre a vida de Truman Burbank (Jim Carrey). Escolhido por ser fruto de uma gravidez indesejada, ele vive em uma cidade cenográfica e tem a sua vida transmitida 24h por dia durante 30 anos. Embora os demais habitantes da cidade cenográfica saibam da existência do show, essa condição é completamente desconhecida pelo seu protagonista, que assume como verdade todos os fatos explicados pelo roteiro da atração.

Esse é um discurso que busca transformar tudo de acordo com os seus próprios interesses. Desde uma lâmpada que cai inadvertidamente do céu (transformada em uma peça de uma aeronave com defeito), a frequência da produção sendo acessada no rádio do protagonista (anunciada como se fosse a frequência da polícia) até as tentativas de impedir qualquer tentativa do personagem em sair da ilha em que vive.

Tudo começa a dar errado quando o protagonista é advertido por uma das personagens de que toda a realidade em que vive não passa de um show de Tv. A partir de então, Truman começa a forçar cada vez mais os limites da realidade em que vive até conseguir se libertar, contrariando a concepção do criador de que o personagem aceita a realidade do mundo em que está presente.

O mais marcante é prestar atenção no discurso do criador do show, o personagem Christof (Ed Harris). Ele começa o filme afirmando que o público está cansado de atores com emoções falsas e que, embora Truman viva em uma cidade cenográfica e conviva com atores, não há nada de falso no protagonista.

Apesar de ter sido criado para acreditar que o mundo em que vive é uma realidade, o roteiro depende de atores para descarregar emoções em Truman. Esse aspecto pode ser notado no retorno do seu pai à série. Essas emoções acabam sendo transmitidas aos seus telespectadores, que vibram, torcem e se identificam com o personagem. O *reality show* acaba fazendo parte de suas vidas a ponto de provocar revolta em uma parte da audiência quando chega ao final.

Novamente cabe a discussão sobre o contrato de leitura. Os telespectadores continuam a acompanhar o programa desde que ele continue mantendo o seu formato. O contrato se baseia não nas informações, mas nas emoções que o roteiro reserva para o protagonista. A

forma como o criador controla o medo de água, os interesses amorosos do personagem, a relação com o melhor amigo e com a sua família acabam por despertar o interesse permanente do público. Uma vez estabelecido o contrato, o show pode desenvolver a sua agenda própria.

Vizeu (2005) o conceitua como o instrumento que estabelece o vínculo entre o jornalista e a audiência. Uma vez estabelecido o sentido do discurso, o telespectador se compromete a continuar fazendo parte daquela audiência. Nesse caso específico, os fãs continuam a se alimentar daquelas informações desde que o show continue a noticiá-las mantendo a qualidade que o tornou referência.

Outros agentes buscam nesse interesse permanente para as suas próprias agendas. É comum ver propagandas de diversos produtos e serviços durante o filme. O próprio Christof afirma em sua entrevista que tudo no show está a venda. É esse comércio que gera um lucro de tamanho semelhante ao PIB de um país pequeno. Durante uma propaganda, feita pela sua esposa, o personagem desperta cada vez mais a consciência de que o seu mundo não é real.

Por mais semelhante que seja à realidade, o protagonista, após chegar ao limite final do cenário do show, prefere abandonar a falsa realidade em que vive e ter a sua própria interpretação do mundo real que lhe fora negado desde a sua concepção. Um claro desafio à lógica de mundo do criador do show e ao próprio prestígio da televisão como MCM e do programa que dá “esperança e inspiração a milhares de pessoas pelo mundo afora”.

5. Conclusão

Pode-se concluir que os MCMs possuem uma agenda de interesses próprios. Tais meios procuram influenciar na visão de mundo da sua

audiência através de notícias, focos e até mesmo na alteração de conceitos estabelecidos socialmente. O resultado, como se viu, é que uma parte da sociedade aceita essa realidade passivamente. As conseqüências são políticas, sociais e culturais.

Charaudeau, entretanto, não vê nos meios uma instância de poder. Como argumentado anteriormente, os MCMs não são capazes de promulgar normas de comportamento. Há a tentativa, entretanto, de construção da opinião pública. O autor afirma que há por trás do discurso midiático um espaço social mascarado por esse discurso. Os atores que participam dos meios são os álibis de uma argumentação bloqueada, formando um simulacro de democracia. As mídias buscam construir uma opinião, mas, em virtude do público fragmentado, a manipulação não acontece com facilidade.

Fatos são tirados do contexto e transmitidos como eventos fragmentados sem vínculo social. Em sociedades cada vez mais individualistas, como a formada durante a II Guerra Mundial e como a sociedade contemporânea, a influência dos MCMs no contexto social acaba sendo cada vez mais nociva aos interesses sociais.

Uma visão que não concorde com a concepção dos MCMs dominantes é sempre combatida não apenas por esses meios, mas pela própria sociedade. O filme “O Quarto Poder” ilustra bem isso quando o foco da cobertura do seqüestro do ex-funcionário do museu foi alterado. Uma vez que a sociedade não o apoiava mais, acelerou-se o processo que culminou no final dramático.

Ao alterar o conceito de realidade, o “Show de Truman” não afetou apenas a psicologia de um indivíduo, mas também a de uma parte da audiência que fez daquele show uma referência de vida. Sem contar na influência de possibilitar aos telespectadores o comércio dos objetos do show, fazendo com que o show faça cada vez mais parte da vida da audiência.

Por fim, há o interesse próprio defendido como interesse público. O “Cidadão Kane” providenciou uma guerra entre duas nações. A agenda defendida por um MCM foi capaz de influenciar uma sociedade a não só apoiar seu governo na Guerra como aceitar pagar os custos sociais e econômicos de um evento tão particularmente custoso.

A solução para tais problemas, segundo estudiosos da área, passa pela democratização da própria sociedade, através do fortalecimento do direito à comunicação, formação cultural da sociedade e o estabelecimento de políticas públicas que tenham por objetivo não apenas informar a população os seus direitos básicos, mas fortalecer a cultura popular como alternativa a uma cultura fabricada e imposta pelos MCMs. Essa é uma forma de furar esse ciclo vicioso.

Referências

Citizen Kane – 119 min. RKO Radio Pictures Inc, 1941.

Mad City – 114 min. Warner Bros, 1997.

The Truman Show – 102 min. Paramount Pictures, 1998.

Por uma outra comunicação/ Dênis de Moraes(org). Rio de Janeiro: Record, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. O Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Vizeu. O Lado Oculto Do Telejornalismo. Florianópolis: Calandra, 2005

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 2002.